

AN. 944

ECONOMIA/NEGÓCIOS



O Desempenho do PIB

CAPUTO

A recessão de 81 fez o Brasil "encolher" 3,5% em relação a 80. Foi a maior queda do PIB na história do país desde que a Fundação Getúlio Vargas começou a calcular o índice em 47

FGV calcula em 3,5% queda do PIB em 81

O Produto Interno Bruto de 1981 — soma do valor de todos os bens e serviços gerados no país — caiu 3,5% em relação a 1980, segundo os cálculos preliminares da Fundação Getúlio Vargas. Isto equivale a dizer que o país produziu, no ano passado, menos 6,8 bilhões de dólares (Cr\$ 962 bilhões 661 milhões) do que em 1980, valor correspondente a 11% da atual dívida externa brasileira.

Está, assim, configurada a primeira recessão na acepção técnica do termo (crescimento abaixo de 0%) que o país já atravessou, no mínimo desde que a Fundação Getúlio Vargas começou a calcular anualmente o PIB, em 1947. Segundo um técnico da própria FGV, pela primeira vez desde 1973, o PIB absorveu o choque do petróleo, e o país terá que "repensar" agora a estruturação da economia, adaptando-se às novas condições do mercado internacional.

A taxa negativa de 3,5% do PIB em 1981 é o resultado de uma queda de 8,4% na indústria (peso de 37,1 no cálculo do PIB); de um crescimento de 6,8% na agricultura (peso 17,1) e de uma queda de 6% no comércio (peso 11). Além disto, influíram nos cálculos um ligeiro aumento de 0,8% no setor de transportes e comunicações (peso 5,5), uma expansão de 5% do setor de intermediários financeiros e estagnação da área governamental.

déficit público e de crescentes taxas de inflação, era inevitável um desdobramento simetricamente negativo, apenas adiado por alguns expedientes de curto prazo da política econômica".

Para ilustrar a dimensão da crise do ano passado, a FGV mostra que a produção de aço, por exemplo, que havia crescido 9,3% em 1980, caiu a menos 13,8% no ano passado. Da mesma forma, a produção de cimento passou de um crescimento de 9,4% em 1980 para uma queda de 4,2% em 1981. Segundo dados da Eletrobrás, o consumo de energia elétrica, que havia crescido em 10,9% em 1980, caiu a 0,3% de aumento em 1981.

A queda de 8,4% no setor industrial é o resultado de uma expansão de 1,7% na produção extrativa mineral e de um declínio de 9,6% na indústria de transformação, ambos dados produzidos pelo IBGE e rotineiramente utilizados pela FGV. Além disto, a Fundação considerou ainda outros critérios, como o consumo de energia elétrica, a produção da siderurgia e o nível médio da capacidade industrial instalada (queda de 9% ao longo de 1981).

O crescimento de 6,8% na agricultura resulta de um aumento de 7,5% nas lavouras e de uma expansão de 5,8% da produção animal em 1981. Com referência ao comércio, a taxa foi obtida a partir de dados físicos da produção agrícola, industrial e de importação e corroborada por informações sobre a queda na arrecadação do ICM (Imposto sobre Circulação de

Preço implícito

Preço implícito

A política econômica adotada pelo Governo no ano passado para reduzir a inflação e equilibrar a balança comercial "tinha de antemão um preço implícito", comentam os economistas da FGV no artigo **Desempenho da economia brasileira 1981/82**, publicado na revista **Conjuntura Econômica** de fevereiro. "Não deveria, portanto, causar surpresa a hipótese do recesso da economia", dizem logo em seguida, completando:

"Após o surto de forte crescimento do PIB em 1979 (+6,8%) e em 1980 (+7,9%), sustentado à custa de exagerada expansão da moeda, aumento do

portação e corroborada por informações sobre a queda na arrecadação do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e das vendas no comércio varejista.

A taxa de menos 0,6% do transporte rodoviário decorreu do consumo efetivo de pneus, do consumo aparente de óleo diesel e do imposto sobre os serviços de transporte rodoviário de passageiro e carga. O aumento de 5% do setor de intermediários financeiros resulta da informação do Banco Central sobre compensação de cheques, número de agências e de funcionários. A taxa nula do setor Governo tem sua explicação no congelamento de vagas no setor público e na evolução nominal da despesa de caixa com pessoal.

Brasileiro ganhou 5,8% menos

Com a queda de 3,5% do PIB em 1981, a renda **per capita** dos brasileiros — a população do país está crescendo a uma taxa de 2,4% ao ano — ficou 5,8% menor. Passou de Cr\$ 230 mil 938 em 1980 (corrigidos a preços de 1981) para Cr\$ 217 mil 556 no ano passado. Em outras palavras: aquilo que cada brasileiro deixou de ganhar adicionalmente devido ao empobrecimento do país em 1981 é muito mais do que a elevação da contribuição para a Previdência Social.

Naturalmente, o conceito de renda **per capita** é uma abstração, pois pressupõe que a riqueza produzida pelo país como um todo seja igualmente dividida por todos os habitantes. Na verdade, em períodos de recessão, ocorre justamente o contrário: há uma

tendência para maior concentração da renda.

Assim, a perda foi muito maior para alguns do que para outros, e houve até quem saísse ganhando. A inflação e a recessão afetam mais os assalariados e todos aqueles que vivem de rendas contratuais, cuja correção é feita de tempos em tempos, do que quem vive de lucros.

O valor que deixou de ser gerado pelo país em 1981 em relação a 1980 — cerca de 7 bilhões de dólares — corresponde a sete investimentos de Daniel Keith Ludwig no Jari, a toda a atual dívida externa do setor elétrico brasileiro, a 70% das importações de petróleo no ano passado ou ao preço de aproximadamente 1 milhão 375 mil fuscas Sedan 1300.

Planejamento responde denúncia

Brasília — O Ministério do Planejamento divulgou nota manifestando desagrado por uma reportagem da **Folha de S. Paulo** de ontem, onde o Ministro Delfim Neto é responsabilizado pela revisão de todos os cálculos da Fundação Getúlio Vargas — FGV — sobre o Produto Interno Bruto — PIB.

O jornal afirmava que a FGV tinha encontrado um PIB preliminar negativo em 4,7% e que os números que seriam anunciados pela revista **Conjuntura Econômica** da FGV indicariam uma queda de 3,66% (foi de 3,5%) como resultado "de um compromisso entre os dirigentes daquela instituição de pesquisas e Delfim, que não concordou com os 4,7%".

— Esta versão do cálculo do PIB foi confirmada pelo professor Octávio Gouvêa de Bulhões, ex-Ministro da Fazenda e membro do "conselho de sábios" da FGV — acrescentou a manchete do jornal paulista.

Ouvido ontem à noite, por telefone, em Petrópolis, o ex-Ministro pediu que "desmentisse a notícia, pois em momento algum dei tal declaração. Aliás, posso garantir que o Governo nunca fez pressão sobre a Fundação Getúlio Vargas", disse o professor Bulhões, que é membro do conselho da instituição.

A nota do planejamento afirma que tanto a FGV reconhece a precariedade dos números com que trabalha, que classifica de "avaliação preliminar os

cálculos que vem divulgando com inteira liberdade, e até com uma certa alegria, desde os primeiros dias de 1982".

Informações precárias

A nota afirma que a discussão quanto aos cálculos para apuração do PIB existe porque as informações são ainda extremamente precárias. E diz que os dados sobre o setor serviços também são precários, pois "se baseiam excessivamente no comportamento da produção industrial, que apresentou decréscimo de atividades em alguns de seus segmentos importantes em 1981".

Esclarece ainda que o setor industrial também é observado de um ângulo onde só são examinados alguns setores industriais, revelando distorções. Daí estar o FIBGE realizando ampla pesquisa, a fim de obter números e dados que representem com mais "segurança e rigor o comportamento da indústria brasileira em 1981".

O Ministério do Planejamento chama atenção para o "exercício até certo ponto ingênuo a que se estão dedicando algumas áreas acadêmicas, na tentativa de comprovar a qualquer custo que em 1981 o Brasil viveu uma grande recessão".